

AS PEDAGOGIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA DESAFIOS ÀS ESCOLAS E AOS EDUCADORES

www.afirse.ie.ul.pt



ISBN: 978-989-8272-26-3

ATAS DO XXIII COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

28, 29 e 30 de janeiro de 2016

2017

AS PEDAGOGIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
DESAFIOS ÀS ESCOLAS E AOS EDUCADORES

LES PEDAGOGIES DANS LA SOCIETE CONTEMPORAINE
DEFIS AUX ECOLES ET AUX EDUCATEURS

Organizadores

João Pinhal
Fernando Albuquerque Costa
Ana Rita Faria



2017

ATAS DO XXIII COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
28, 29 e 30 de janeiro de 2016
LISBOA

AS PEDAGOGIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
DESAFIOS ÀS ESCOLAS E AOS EDUCADORES

LES PEDAGOGIES DANS LA SOCIETE CONTEMPORAINE
DEFIS AUX ECOLES ET AUX EDUCATEURS

ISBN: 978-989-8272-26-3

ATAS DO XXIII COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
28, 29 e 30 de janeiro de 2016
LISBOA

Organizadores

João Pinhal
Fernando Albuquerque Costa
Ana Rita Faria

Design e paginação

Ana Rita Faria

Data de publicação

janeiro de 2017

Edição

AFIRSE Portugal
Instituto de Educação da Universidade do Lisboa

Instituto de Educação
Alameda da Universidade
1649-013 Lisboa
Portugal

www.afirse.ie.ul.pt

ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA ORALIDADE E ESCRITA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	231
UM CURRÍCULO INOVADOR COM A UTILIZAÇÃO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COM O FOCO NA APRENDIZAGEM COLABORATIVA.....	239
SABERES E FAZERES DA PRÁTICA EDUCATIVA DENTRO DE UM PARADIGMA INOVADOR: O ENSINO DE ADULTOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM UM POLO DE APOIO PRESENCIAL DE CURITIBA	252
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO COMO DISCENTE/DOCENTE EM PARTICIPAÇÃO DE UM SEMINÁRIO AVANÇADO DE DOUTORADO DENTRO DE UM PARADIGMA INOVADOR.....	258
OLHARES SOBRE O PAPEL DO JOGO NAS APRENDIZAGENS ESCOLARES.....	266
RELATOS DE ESTAGIÁRIOS A EDUCADORES DE INFÂNCIA E PROFESSORES DO 1.ºCEB	266
A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO-PILOTO DE ENSINO BILINGUE PRECOCE NO 1º CEB EM PORTUGAL: DESAFIOS ORGANIZACIONAIS.....	277
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE DINÂMICAS DE EDUCAÇÃO DIGITAL DE ADULTOS.....	286
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO MÉDIO NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA.....	302
A EXPERIÊNCIA COM OS COMPLEXOS DE ESTUDO DA PEDAGOGIA SOCIALISTA RUSSA NAS ESCOLAS DO MST	311
A FÁBRICA DE HISTÓRIAS: PRODUZINDO SIGNIFICADOS COM CRIANÇAS NUM HOSPITAL EM PORTO ALEGRE.....	320
A DISCIPLINA COMO EMANAÇÃO DO TRABALHO ORGANIZADO NA SALA DE AULA.....	328
DAS COMPETÊNCIAS À DIVERSIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS DIRETRIZES CURRICULARES PARA CURSOS DE LICENCIATURAS NO BRASIL DE 1996 A 2016.....	339
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PELAS TESES E DISSERTAÇÕES DA PUCPR/BRASIL, EM 2013.....	353
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: ESTUDO COMPARATIVO DO MODELO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL E DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, CAMPUS FAFIDAM	369
“CIÊNCIA E ARTE” NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	381
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: PEDAGOGIAS DE JUSTIÇA NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR	391
O TRABALHO COM O PROJETO CURRICULAR INTEGRADO NA PERSPECTIVA BRASIL-PORTUGAL: CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL	402
JUSTIÇA RESTAURATIVA E A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS EM CONFLITO COM A LEI	418
AS CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	430
O PAPEL DO PEDAGOGO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORAS DA EJA	437
CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO: UMA PROPOSTA A SER DISCUTIDA.....	447
METTRE EN DIALOGUE LES SCIENCES COGNITIVES ET LA PHÉNOMÉNOLOGIE DE LA CAPACITÉ ÉTHIQUE DANS LA DÉMARCHE D'ÉDUCATION MORALE.....	457

OLHARES SOBRE O PAPEL DO JOGO NAS APRENDIZAGENS ESCOLARES RELATOS DE ESTAGIÁRIOS A EDUCADORES DE INFÂNCIA E PROFESSORES DO

1.ºCEB

[ID 219]

Isabel Cabrita Condessa

*DCE – U. Açores, Portugal; CIEC – U. Minho, Portugal
maria.id.condessa@uac.pt*

Resumo

A escolha da área do brincar e do jogo como temática a investigar nos relatórios de fim de curso de vários estudantes, estagiários em Educação de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico, despertou o nosso interesse em saber: i. o verdadeiro motivo que os levou a escolher esta área; ii. as potencialidades e limitações encontradas no contexto de ensino nas suas escolas, considerando o jogo como uma ferramenta pedagógica ao serviço do ensino-aprendizagem na educação infantil.

Contámos com a colaboração de alguns estagiários, que lecionaram entre 2010 e 2014 em escolas públicas e recorremos ao estudo: I. relatos das suas reflexões sobre as atividades planeadas e desenvolvidas em prática pedagógica; II. das recolhas por eles efetuadas sobre testemunhos de profissionais de educação.

Da análise de conteúdo efetuada, para recolher as práticas e perspetivas de estagiários e profissionais sobre o papel do jogo nas aprendizagens escolares, e reforçada com testemunhos, puderam-se retirar algumas ilações:

a. Estes estagiários recorreram frequentemente ao jogo, nas atividades previstas para as suas práticas pedagógicas; a área das expressões serviram muitas vezes como área de principal para a aprendizagem realizada em interdisciplinaridade, em que se aplicou a funcionalidade pedagógica do jogo: ajudar as crianças a aprender com alegria e pleno envolvimento; as propostas do recurso ao jogo não foram aceites do mesmo modo nas práticas do jardim de infância e do 1.ºciclo, verificando-se algumas resistências por parte dos professores.

b. As perspetivas dos profissionais confirmam a grande plasticidade do jogo para garantir um ensino apelativo, promover aprendizagens, criar uma maior adesão e motivação das crianças; contudo, há alguma resistência nas escolas dos profissionais que abrem as portas aos estagiários, que embora teoricamente privilegiem o lúdico, a áreas das expressões e a interdisciplinaridade, na prática, por questões formais e de eficiência das aprendizagens escolares, remetem para o esquecimento estas práticas.

Palavras-chave: O Brincar e o Jogo, Ferramenta Pedagógica-didática, Estagiários, Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A brincadeira e o jogo são conceitos interrelacionados, muito flexíveis, que permitem uma grande variedade de interpretações e a evolução do seu significado relacionou-se com o aparecimento de variadas teorias da psicologia e educação, que desde cedo suportaram a sua existência. Face às mudanças da sociedade contemporânea consideramos essencial voltar a refletir sobre o seu valor no contexto educativo e escolar.

À semelhança de Dodds (2011) cremos que o desafio para as escolas da contemporaneidade “...é encontrar maneiras para as crianças experimentarem, até mesmo aprenderem a brincar, oferecendo a liberdade para desenvolverem a variedade de habilidades fundamentais para a aprendizagem e a vida adulta” (p.194). Assim, torna-se uma ambição os

responsáveis pela formação de profissionais de educação para a infância, (re)pensar o brincar e o jogo, enquanto recurso de atividade com elevado potencial pedagógico e didático. Só deste modo, observaremos um aumento da adesão dos futuros educadores/ professores a uma prática de atividade lúdica cada vez mais próxima da(s) cultura(s) de aprendizagem que deveriam vigorar na escola e que elegem uma educação do “aprender a aprender”, em que o envolvimento no processo supera a exclusiva consideração do produto de aprendizagem.

Neste sentido, desenvolvemos esta apresentação considerando, primeiro, uma análise de temas e teorias sobre a educação da criança e a importância do jogo no seu desenvolvimento e aprendizagem. Posteriormente, será feita uma abordagem vinculada à reflexão sobre a prática pedagógica, que pretende atender respetivamente: quer às expectativas, ao desenvolvimento e à aprendizagem profissional dos Estagiários em contexto de escolas de formação – visível nas opções e reflexões sobre a atividade lúdica utilizada nas suas práticas de ensino; quer, às perspetivas de Educadores/ Professores em pleno desempenho profissional, com impacto direto ou indirecto, no desempenho dos formandos.

Partindo da ideia de Leite e Rodrigues (2001) que em contexto escolar “... o recurso ao jogo constitui uma prática relativamente consensual, (...) seja pelas suas vantagens focalizadas no treino ou na estimulação ou na facilitação de aprendizagens, seja na socialização ou no mero prazer” (p.30), ao longo desta exposição iremos meditar acerca da temática cruzando a opinião dos estagiários, acerca das vantagens e desvantagens do recurso ao lúdico nas suas práticas pedagógicas, com a perspectiva global de profissionais da educação.

Com base nessas crenças, podemos extrapolar sobre o nível de adesão destes profissionais à Pedagogia centrada na brincadeira na educação em idade pré-escolar e escolar, pois acreditamos que uma abordagem à educação mais centrada nos interesses das crianças promoverá uma aprendizagem mais “ativa”, fazendo apelo à exploração, conquista e consolidação de situações de aprendizagem que enriquecem o seu reportório de conhecimentos, competências e atitudes. A aprendizagem pode iniciar na própria criança sem a presença do adulto, no entanto há que criar ambientes que promovam vários tipos de brincadeira: espontânea, estruturada, imaginativa e criativa.

O papel do brincar e jogar no desenvolvimento e aprendizagem da criança

No ponto 1, do artigo 31.º, dos Direitos Humanos é reconhecida a importância do valor do brincar para a vida da criança, como uma parte importante na sua educação, a nível cultural e artístico. Através destas vivências, que são da responsabilidade da comunidade e da escola, é dada à criança o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e através das quais ela aprende habilidades e apreende os comportamentos adequados e inadequados.

A questão que se coloca é saber como podemos transpor para a Educação este direito de brincar e melhorar o Bem Estar Educativo da criança.

Há pelo menos quatro séculos que os pioneiros de teorias que atualmente valorizam a importância da brincadeira no desenvolvimento e aprendizagem da criança, chamam a atenção para a importância da temática.

Entre os séculos XVIII e XIX, contamos com os trabalhos de Pestalozzi que enalteciam a importância da brincadeira promovendo ambientes de aprendizagem adequados e realizados em ambientes exteriores. Mais tarde Froebel, com uma abordagem centrada na criança e no seu desenvolvimento, enfatizava a importância de uma aprendizagem a partir da qual a criança se expresse e apelava a atividades que incidem sobretudo na percepção sensorial, da linguagem e do brincar/ jogar.

Posteriormente, Montessori defendia o valor da brincadeira na aprendizagem e proporcionava experiências de aprendizagem da vida real em ambiente estruturado e planeado. Baseando-se em anos de observação da natureza da criança efectuada por Froebel, procurava oferecer às crianças muitas oportunidades para a ajudar a aprender sendo que, na sala ou fora dela, os seus princípios fundamentais eram: a atividade, a individualidade e a liberdade.

Por sua vez, Vygostsky acreditava que a qualidade das relações sociais e culturais era crucial e pela brincadeira e pelo jogo, quando lhe era dado o suporte educacional devido (com o apoio do adulto ou de um par/ colega) criava-se na criança uma zona de desenvolvimento proximal que proporcionava o essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Para Piaget a criança ao aprender pela descoberta desenvolvia-se por estádios e que a brincadeira imaginária precede sempre os jogos de regras. Este impulsionador da Teoria Cognitivista, propôs a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano (sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal) influenciando assim a educação de maneira profunda. Para ele as crianças só podiam aprender o que estavam preparadas a assimilar. Aos professores, cabia aperfeiçoar o processo de descoberta dos alunos.

Posto isto, quando nos questionamos sobre a forma como a criança pode aprender através do Brincar e do Jogo, devemos-nos posicionar na valorização de uma pedagogia centrada no lúdico, como sendo uma parte essencial à educação equilibrada da criança na sociedade.

Chateau (1987) enfatiza que o jogo para além de desenvolver competências intelectuais tende a reforçar as competências emocionais e sociais. Este autor vai ao encontro dessa ideia, afirmando que através do jogo a "(...) criança mostra, aliás, sua inteligência, sua vontade, seu traço dominante, sua personalidade (...)", ou seja, contribui para a formação do ser, como agente social que somos.

Atualmente na escola o tempo de brincar está ainda exclusivamente associado ao tempo livre e de recreio. A persistência da criança no brincar, mesmo nas situações mais adversas, induz ao que é inato e da sua natureza. A grande característica do brincar, em crianças ou adultos, não é o conteúdo mas o modo (Moyles, 2006). Neste sentido, caberá ao educador criar oportunidades de experiências diversificadas, com um reforço na vertente lúdica, num continuum entre: a

espontaneidade e a organização; o risco e a segurança; a imaginação e a regra; a exploração e a repetição; o motor e o cognitivo; o individual e o social; o específico e o interdisciplinar; a inclusão e a superação.

Supondo que a infância é uma fase fulcral no desenvolvimento de qualquer indivíduo em sociedade a função lúdica do brincar e do jogo perpassa a educação quotidiana das crianças e jovens, porque dela fazem parte as primeiras sensações, emoções, aprendizagens, interações, vitórias ou derrotas e também as recordações únicas de vida. Neste enquadramento, caberá aos educadores/ professores (re)pensarem estas atividades como recurso privilegiado para desenvolver as primeiras formas de literacia nas áreas de expressão infantil, com impacto no desenvolvimento individual e social da criança. Neste sentido, Condessa (2009) refere que “aos educadores/professores (...) caberá a delicada tarefa de garantir o enriquecimento do seu património motor e cultural, que visa em simultâneo os domínios de desenvolvimento individual e colectivo. No primeiro, almejando uma melhoria no seu desempenho nos movimentos e, no segundo, a capacidade para ser um cidadão equilibrado, responsável, que vivenciou a cultura lúdica da infância e é conhecedor da sua cultura” (p.37).

Assim sendo, enalteçemos aqui o papel do educador/ professor pois ele será fundamental para a mudança desejada, isto é, para garantir experiências devidamente enriquecedoras e realizadas no seio de atividades significativas para a criança, onde se enquadram as atividades lúdicas, que possibilitam assumir alguns desígnios inerentes ao “ser criança”, tais como, o direito à infância, à liberdade para brincar, à necessidade de ser ativo e de controlar a sua própria atividade; e ainda, ter oportunidades de estimulação, motivação, divertimento e persistência.

Com base nestas crenças podemos considerar que a Pedagogia centrada na ludicidade é uma parte essencial à educação da criança, devendo ser assumido por educadores e professores este “valor” da brincadeira e do jogo como base da aprendizagem ativa e participativa.

Objetivos do estudo, amostra e métodos

Partimos para este trabalho com o intuito de estudar os propósitos, as expectativas e as práticas de estagiários em educação infantil que consideraram na sua prática pedagógica a atividade lúdica como ferramenta pedagógica ao serviço do ensino-aprendizagem.

Analisando os documentos produzidos pelos novos docentes da infância, pretendemos saber:

- a. o propósito do novo profissional para optar por a escolha da área temática;
- b. as potencialidades e limitações encontradas no contexto de ensino das suas escolas de estágio e de formação inicial.

Realizámos esta análise a partir de 24 relatórios de estágio orientados ao longo de cinco anos consecutivos, entre 2010/11 e 2014/15, fruto do trabalho pedagógico realizado na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo de Ensino Básico, em escolas públicas. Uma particularidade foi que todos

estes finalistas optaram por trabalhar a temática relacionada com a atividade lúdica – expressões e cultura do brincar, recorrendo ao jogo no contexto da sua prática pedagógica, isto é, ao recurso à atividade lúdica enquanto ferramenta pedagógico-didática, abordada quer através da área das expressões (16 estagiários, que correspondem a 67% do total da amostra), quer recorrendo à análise do jogo e da cultura regional (8 estagiários, referentes a 33% do total da amostra) e explorada ao longo deste período de formação (Figura 1).

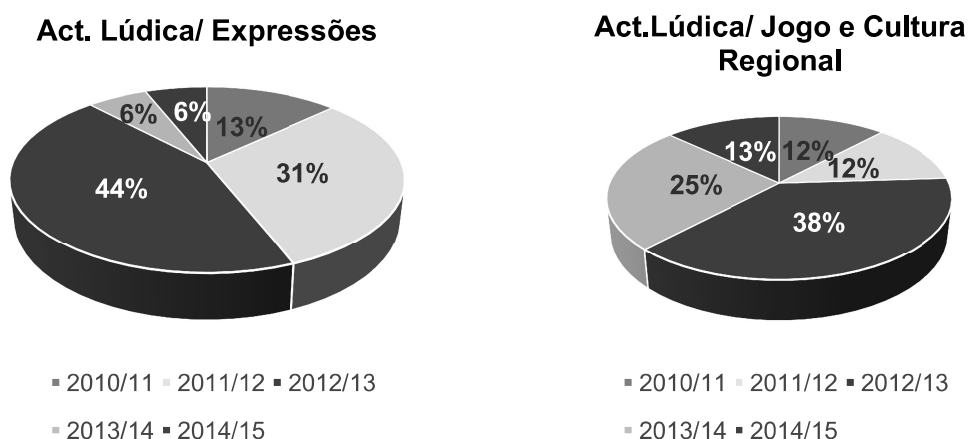


Figura 1: Área temáticas dos estudos, distribuição por ano

Como atrás ficou dito, estes estudos foram conceptualizados contemplando a área das expressões e/ ou a área do jogo e da cultura regional do brincar, e consideraremos para a sua apreciação três focos de análise (Figura 2).

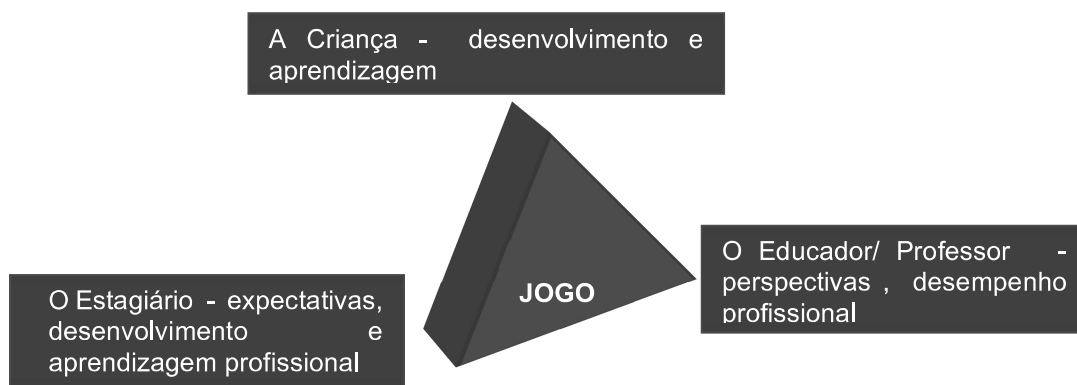


Figura 2: Triangulação dos focos de análise do estudo

Em quase todos os relatórios a temática foi desenvolvida através de um aprofundamento teórico e de uma pesquisa efetuada junto de profissionais, para melhor se compreender a maior ou menor adesão que educadores/professores têm realizado na utilização do “jogo nas aprendizagens escolares” na sua prática pedagógica. A partir das suas convicções iniciais, os estagiários apresentaram propostas de atividades específicas e interdisciplinares, lúdicas e de jogo para o seu grupo de crianças/ turma. Foi realizada uma reflexão pelos estagiários sobre o seu desempenho na prática pedagógica, isto é, o impacto positivo, ou vantagens e menos positivo, ou desvantagens da

sua intervenção junto de(as) criança(s). Para Cró (1998) a formação de educadores deve ter em conta, entre outros aspectos “o conhecimento da relação dos sujeitos de diferentes idades com as aprendizagens específicas que devem realizar (...) capacidade de análise das situações educativas” (p.21).

Os estágios desenvolveram-se em duas escolas públicas básicas integradas de um mesmo concelho (Escolas A e B), embora as recolhas efetuadas pelos estudantes tenham abrangido mais escolas, inclusive instituições privadas do mesmo município.

Para tentarmos compreender “o papel do jogo nas aprendizagens escolares” iremos apreciar os relatos deixados nos seus trabalhos finais de alguns dos estudantes, sobre o interesse pela temática e as opiniões/ reflexões sobre práticas. Dewey (citado por Zeichner, 1993, p.13) apresenta três atitudes necessárias para a ação reflexiva – abertura de espírito, responsabilidade e sinceridade. Assim se evidencia a importância da reflexão do estagiário sobre a sua ação educativa e o seu desenvolvimento profissional.

Ao longo desta apresentação será feita uma exposição de transcrições selecionadas em função da sua pertinência e variando em função de critérios, tais como, o ano letivo, a área de aprofundamento e escola. Assim, foram escolhidos vários excertos de alguns dos trabalhos dos estagiários, que por uma questão de confidencialidade irão ser aqui enunciados por uma sigla alfa numérica (Exemplo: “E1.1: E-Estagiário; 1-ano de estágio; 1-ordem no ano”).

Recorremos à análise de conteúdo de relatos deixados pelos estagiários, assim como, às informações recolhidas pelos mesmos acerca das perspetivas de profissionais de educação sobre o papel do jogo nas aprendizagens escolares.

Apresentação e discussão de resultados

Os motivos mencionados pelos nossos estagiários para optarem por atividades mais lúdicas, como a área das expressões e os jogos, integrando-as de forma interdisciplinar e como impulsionadora das aprendizagens, podem ser organizados em três categorias:

1. valorização de experiências anteriores tidas como positivas [cat.1]
2. reconhecimento da área na educação da criança [cat.2]
3. reconhecimento da necessidade de reforço do Sistema Educativo atual [cat.3]

Dos vários testemunhos deixados pelos formandos selecionámos alguns que expressam ora uma, ora outra intenção.

Sendo a música um tema com que estou inteiramente ligada desde criança [cat.1] (...), achamos oportuno estudar o papel da mesma na participação ativa das crianças/alunos na aprendizagem em sala de atividades/aula. [cat.3] (E3.4, Escola B)

Escolhi este tema pois as actividades rítmicas expressivas são de grande importância na vida da criança/ aluno, auxiliando no seu desenvolvimento enquanto ser total [cat.2], sendo esta área também de carácter integrador e transversal com as diferentes áreas (...)[cat.3] (E3.5, Escola B)

Deste modo, parece-nos importante apurarmos como o Sistema Educativo augura o desenvolvimento destas áreas com o que, efetivamente, acontece nas escolas de hoje, confrontar o porquê das áreas de Expressão passarem “despercebidas” nas salas de aula. [cat.3] (E3.8., Escola A e B)

Em geral, todos os estagiários optaram por recorrer à atividade lúdica durante a sua intervenção na prática pedagógica, para ambos os níveis de ensino. O jogo, na área da expressões surge perfeitamente enquadrado com as suas áreas de conteúdo: das brincadeiras ao jogo de faz de conta; as lengalengas e os jogos rítmicos em rodas cantadas e em saltos à corda; dos jogos de corrida e perseguição, aos jogos de bola; enfim, em inúmera brincadeiras e jogos tradicionais de infância.

Aqui, a vertente lúdica, prazerosa e tão desejada na infância, pode ser utilizada na educação para proporcionar às crianças momentos de (inter)disciplinaridade em aprendizagens efectuadas nas suas várias fases: exploração, aquisição, aplicação e consolidação de conhecimentos em várias áreas de saber. Para Griffiths (citado por Moyles, 2006) a importância da criança aprender por meio do brincar e jogar resume-se a cinco fatores chave, sendo eles: o propósito, o contexto, o controle, a responsabilidade e o tempo. Todos estes indicadores ocorrem da atividade prática e divertida que que lhe é proporcionada pela atividade lúdica.

Quando analisamos as práticas, expectativas e/ou perspectivas de estagiários e profissionais sobre o papel do jogo nas aprendizagens escolares foram várias as opiniões que podemos sistematizar nos três focos do nosso estudo: na criança [Cr]; no estagiário [Est]; e, no profissional de educação [Ed/Pr].

Primeiro, todos estes estagiários deixaram bem expresso, na parte em que relataram as suas práticas, que aplicaram a funcionalidade pedagógica do jogo para reforçar o seu comportamento em pelo menos um, dos quatro tópicos coligidos:

- a) ajudar a crianças a aprender com alegria e pleno envolvimento;
- b) apoiar a criança a explorar novos conhecimentos e consolidar e aplicar os conhecimentos já adquiridos;
- c) permitir que a criança tenha ganhos em competências sociais (aprender a cooperar, a respeitar a regra, o adversário e o funcionamento do jogo);
- d) melhorar as atitudes de aprendizagem da criança (perseverança, concentração, autonomia).

Através da análise de conteúdo efetuada aos relatos de alguns destes estagiários e profissionais, fica igualmente clara a sua opinião que o “*recurso ao jogo como ferramenta pedagógica*”, também ajudou o estagiário a desenvolver-se de uma forma consistente e ponderada no domínio profissional.

“Nestas sessões foi crucial primar pela idealização de momentos que envolvessem movimentos mais amplos e actividades mais lúdicas e participativas, aspiração que entendemos alcançada através da concretização de actividades em que o movimento surgiu interligado à música [Cr]. (E1.1, Escola A)

“(...) mostraram muita dedicação, empenho e concentração para resolverem os desafios; todos tiveram a oportunidade de aplicar e consolidar conceitos matemáticos[Cr]; (...) estava à vontade por observar que a estratégia escolhida estava a resultar; - a existência de jogo da glória com grau diferenciado foi muito positivo, pois se fossem todos iguais ou o jogo seria demasiado fácil para a maioria da turma ou seria demasiado difícil para os alunos com mais dificuldades. [Est]” (E4.1, Escola B)

“(...) eu nunca tive estágio e vocês (...) dispõem de mais tempo, trazem também inovações, não é? E eles gostaram imenso do trabalho que vocês fizeram aqui, não é? Na sala de aula [Ed/Prof] (E3.5, Prof. 1.CEB, 2013, Escola B)

As ópticas apresentadas pelos docentes confirmam a grande plasticidade do jogo criando habitualmente uma maior adesão e motivação das crianças. Por outro lado, referem a utilização de jogos em contexto de atividades/ sala de aula tem impacto na aprendizagem das crianças/alunos ao garantir um ensino mais apelativo e promover aprendizagens, ajudando quer na cooperação (mais referido pelos educadores), quer na troca de ideias e discussão de temas (mais referido pelos professores).

Esta perspectiva assenta na ideia de Dodds (2011) e de Condessa (2011, 2014) de que ao encorajarmos o ensino em contexto situado, como se pode fazer com atividades lúdicas e jogo, podemos garantir uma aprendizagem melhor compreendida pelas crianças/alunos. A articulação do pensamento e a resolução de problemas, por exemplo, no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, podem fruir através do crescente relacionamento causal e poder de discriminação, de analisar e sintetizar. Também a capacidade da criança para desenvolver o movimento, a sua linguagem, comunicar e cooperar com os pares é ajudada pelo recurso ao jogo, desde o jogo de imitação, ao jogo simbólico e de regras.

Conforme a última transcrição, lembramos que Arroteia (2008) considera que para a preparação de docentes se deve garantir a “(...) frequência de um ciclo de estudos a que deve permitir a aprendizagem dos conteúdos científicos e das práticas pedagógicas fundamentais que garantem a formação docente e a sua preparação para o exercício da profissão” (p. 165).

Foram ainda vários os depoimentos deixados por profissionais, educadores e professores, sobre as “vantagens do recurso ao jogo” em sala de aula e conseqüentemente para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Olha, por exemplo, tínhamos dois meninos que eram mais tímidos e reservados que participavam pouco neste tipo de atividades e gostaram muito desta coreografia, da canção em si, desta dança e participaram com vontade que agente viu que eles estavam à vontade a participar e estavam a gostar daquilo que estavam a fazer, pela maneira como eles interagem com os outros, pelo sorriso deles... (E3.5, Educador, 2013, Escola B)

Porque introduz conhecimentos, consolida aprendizagens, levando os alunos a explorar/ fazer descobertas (E4.3, Prof.ª 1.ºC, 2014, Escola Pública)”

O Jogo deixa qualquer criança mais desinibida e, conseqüentemente, mais descontraída e receptiva a qualquer tipo de integração, actividade e/ou tarefa. (E4.2, Prof.ª 1.ºC, 2014, Escola Privada)

Contudo, nas escolas há ainda alguma resistência dos profissionais que abrem as portas aos estagiários, que embora no discurso privilegiem o lúdico, a áreas das expressões e a

interdisciplinaridade, na prática, por questões formais e de eficiência das aprendizagens escolares, remetem para o esquecimento estas práticas, que são um verdadeiro reforço para as aprendizagens das crianças.

Assim, deixamos aqui algumas das “*desvantagens do recurso ao jogo*”, que foram as resistências percebidas pelos estagiários aos professores do 1.º CEB, pois muitos referem-se às atividades lúdicas e ao jogo como uma *prática* que induz a um alvoroço e a alguma falta de capacidade para concentração das crianças/ alunos. Associando aos programas rigorosos às metas de aprendizagem a cumprir, as aulas tornam-se menos criativas e as áreas das expressões e momentos lúdicos tem passado para segundo plano, conforme nos confessam alguns profissionais.

“(…) às vezes eles são pouco autónomos, o que se torna mais complicado para o professor dar apoio a tantos (…)” (Educador, 2012, Escola A)

“(…) miúdos ficam muito agitados (….) eles têm é que saber ler e escrever (….) nós temos um programa extenso (….)” (Prof. 1.ºCEB, 2012, Escola A)

Pois, se por um lado temos os testemunhos destes profissionais, por outro lado, vejamos a reflexão dos estagiários que trabalharam a atividade lúdica e as expressões, respetivamente:

Tendo com base as entrevistas e a fundamentação teórica sobre a temática do relatório, afirmamos que o descrédito, que ainda existe por essas áreas, justifica-se pelo já enunciado. (...) As contrariedades sentidas à implementação das Expressões sobretudo no 1.º Ciclo, dizem respeito, na opinião dos profissionais de ensino que participaram no nosso estudo, também à sobrecarga de conteúdos/ competências que se exige a esse nível. (E3.7, Escola B)

Fazendo um balanço final, consideramos pertinente reforçar uma formação de profissionais de educação na infância mais orientada para a reflexão, a mudança e a inovação, pois esta é a base pela qual se constroem profissionais preparados para a realidade escolar da sociedade contemporânea e conscientes dos requisitos que a profissão lhes espera atualmente e no futuro. No centro desta meditação e renovação há que tratar a brincadeira e o jogo como um elemento de primordial importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise da informação recolhida podemos tecer algumas apreciações sobre os olhares que os nosso estagiários e profissionais da educação realizaram sobre o papel do jogo nas aprendizagens escolares, nomeadamente:

- foram essencialmente três os propósitos de escolha da temática do relatório e que podemos organizar em três categorias: valorização de experiências anteriores, a importância na área na Educação da criança e a necessidade de reforço do Sistema Educativo Atual;
- nas atividades previstas para as suas práticas pedagógica, todos os estagiários dos relatórios apreciados recorreram frequentemente à atividade lúdica;

- a área das expressões serviu muitas vezes como área de principal para a aprendizagem realizada em interdisciplinaridade, em que se aplicou a funcionalidade pedagógica do jogo: ajudar as crianças a aprender com alegria e pleno envolvimento;
- as propostas do recurso ao jogo não foram aceites do mesmo modo nas práticas do jardim de infância e do 1.º ciclo, verificando-se alguma resistência por parte dos professores;
- a perspetiva dos profissionais em exercício confirma a grande flexibilidade do jogo, avalizando um ensino mais apelativo, capaz de criar um maior interesse e uma maior adesão por parte das crianças e, conseqüentemente, uma maior aprendizagem;
- nas escolas estudadas, embora teoricamente os educadores de infância e professores do 1.º ciclo privilegiem o lúdico, a áreas das expressões e a interdisciplinaridade, na prática, por questões formais e de eficiência das aprendizagens escolares, muitos ainda remetem para o esquecimento o brincar e o jogar como instrumento pedagógico.

REFERÊNCIAS

- Arroteia, J. (2001). A Formação Contínua de Professores: Continuidade ou Mudança? In M. Patrício (org.). *Escola, Aprendizagem e Criatividade* (pp. 61-67). Porto: Porto Editora.
- Dodds, S. (2011). Nós queremos brincar: crianças dos primeiros anos brincando na sala de aula. A. Brock, S. Dodds, P. Jarvis & Y. Olusoga (Org.). *Brincar. Aprendizagem para a vida* (pp.193-227). São Paulo: Artmed.
- Chateau, J. (1987). *O Jogo e a Criança* (2.ª Edição). São Paulo: Ed. Summus.
- Condessa, I. (2011). "What is the Role of Play in Childhood Development and Education", in *Revista Portuguesa de Ciências de Desporto*. 11(1) (Suplemento 1), 336-338.
- Condessa, I., Fialho, A. & Andrade, R. (2008). "O Jogo na Cultura Infantil: Contributos para a Mediação Sociocultural no Contexto Educativo Açoriano". In Albano Estrela et al. (Orgs.), CD-Row de *Actas do XVI Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE Tutoria e Mediação: Novos Desafios à Investigação Educacional*. Lisboa: Secção Portuguesa da AFIRSE e Universidade de Lisboa.
- Condessa, I. C. (2015). A Matemática, a Educação Física e o Jogo: Discursos e Práticas para o Ensino da Educação Básica. In A. P.Garrão, M. R. Dias & R. C. Teixeira (2015). *Investigar em Educação Matemática: Diálogos & Conjunções numa Perspetiva Interdisciplinar* (pp:151-164). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Condessa, I. C. (2009). *(Re)Aprender a Brincar: da Especificidade à Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores/ FCT.
- Cró, M. (1998). *Formação inicial e contínua de educadores/professores – Estratégias de Intervenção*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2000). *Educação Para Todos. O Ensino Primário. De ciclo único ao ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Kishimoto, T. M. (2002). Bruner e a Brincadeira. In T. M. Kishimoto (Org.), *O Brincar e as suas Teorias* (3.^a Edição), (pp. 139-154). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Lavado, A. (2009). De Fazedores de Jogos a Construtores de Tempos. In P. Godinho, S.P. Bastos & I. Fonseca (Coord.). *Jorge Crespo. Estudos de Homenagem* (pp. 299-316). Loulé: 100Luz.
- Leite, C. & Rodrigues, M. L. (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- ME-DEB (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério de Educação.
- ME-DEB (2006). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1º Ciclo* (5^a Edição). Lisboa: Editorial do Ministério de Educação.
- Moita, M. (1995). Percursos de formação e de trans-formação. In A. Nóvoa (org.). *Vidas de Professores* (pp. 111-140). Porto: Porto Editora.
- Moyles, J.R. (2006). *A Excelência do Brincar*. Porto Alegre: Artmed.
- Zeichner, K. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Ed. EDUCA.